

## **Cristina Castro**

Centro de Investigação e de Estudos em Belas Artes – CIEBA, Faculdade de Belas Artes da Universidade de Lisboa

[c.castro@belasartes.ulisboa.pt](mailto:c.castro@belasartes.ulisboa.pt)

ID+, Escola Superior de Media Artes e Design, Instituto Politécnico do Porto, rua D. Sancho I, 4480-876 Vila do Conde, Portugal

[cristinacastro@esmad.ipp.pt](mailto:cristinacastro@esmad.ipp.pt)

Como citar este documento:

Castro, C. (2025). *Exposição de Cristina Castro: A vida é ouvido*. Macedo de Cavaleiros: Câmara Municipal de Macedo de Cavaleiros.

## ***A vida é ouvido***

O corpo de trabalho intitulado *A vida é ouvido*, partiu da expressão tomada de empréstimo de um ensaio de Álvaro Lapa<sup>1</sup>, pela sua capacidade de mostrar serenidade e tumulto a um só tempo. A ela acrescenta-se uma certa estranheza, que vem do prisma analítico eleito, sobre a possibilidade tornada visível e materializada, do que pode ser a essência do mundo. Este conjunto de desenhos e pinturas procura que ao ser observado se desencadeie um movimento semelhante ao da sua criação, isto é, que se olhe um desenho de muito perto, que se afaste o corpo para se ver ao longe, que se passe a olhar uma outra obra, e talvez se volte a olhar para as anteriores, e depois disso para a última, para melhor perceber semelhanças e dissonâncias em cada uma delas, e, em simultâneo confirmar uma pertença de todos a um mesmo corpo, a um lugar que é animado pela presença do observador, numa deriva sempre pessoal. O ouvido surge como espaço de congeminação, um espaço tripartido, onde o mundo entra em sussurro, altera-se com um filtro que se vai apurando, e um ouvido que aprende a ser surdo para que deixe que as melodias se possam compor, acolhendo silêncios. Parece um modo de tentar controlar o espaço/tempo mas é somente um corpo a agir enquanto tal, tendo o acaso como o acesso primordial que molda tudo. Interessa a ideia de repetição e de continuidade, num ciclo ininterrupto, que paira de modo frenético, e que se faz de lugares palimpsesto, que podem ser de serenidade por ora, mas enfrentando sempre a ideia inelutável da tragédia iminente, ou de forma inversa. Diante destes trabalhos, que nasceram de errâncias por lugares de vida, praias e florestas sadias, mas também de morte, onde se assiste a calamidades, rasgos de fogo ou rompantes de água, podemos sentir uma grande consternação, uma certa paz, e ainda um estranhamento que contamina as tonalidades intermédias das possibilidades do sentir. O corpo que se “empresta ao mundo” e que este devolve em pintura, nas palavras de Merleau-Ponty, deixa-se alterar escolhendo uma ou outra via, permitindo que do erro nasça outro erro, e que a soma de erros faça um conjunto de trabalhos que se tornem numa concentração do mundo, numa profundidade. O ouvido é como um ponto tomado como lugar de ensaio, centro de condensação da essência do universo, onde tudo se une, ou melhor dizendo, se concentra.

## **Cristina Castro**

Setembro, 2025

---

<sup>1</sup> “A vida é ouvido, com o coração dentro batendo largo ou aflito nos corredores da morte variada e intacta. O violino da vida repetindo a construção múltipla de um certo J. S. Bach, séculos antes e agora mesmo; «de boca a ouvido» se diz do segredo posto intacto na orelha do instruído no passeio final e volta entre os enigmas vários. Vozes sem boca na geração do fim de um caos, sobre a colina, ao pé do mar radioso.” (Lapa, A. (1982). *Barulheira*. Porto: & Etc, página 99).